

**1ª
SÉRIE**

CANAL SEDUC-PI1



PROFESSOR (A):

**MAC
DOWELL**



DISCIPLINA:

FILOSOFIA



AULA Nº:



CONTEÚDO:

PLATÃO



TEMA GERADOR:



DATA:

01/06/2020

Quando se diz que a maiêutica é a arte de dar à luz as idéias, está se subentendendo que o conhecimento está dentro da pessoa e por meio maiêutica ela vai “parir” o conhecimento.

Para Sócrates, uma mente submetida a um interrogatório adequado seria capaz de explicitar conhecimentos que já estavam latentes na alma. Afinal, tanto para Sócrates quanto para Platão, a alma, antes de se unir ao corpo, contemplara as idéias na sua essência, no mundo das Idéias. Bastava, portanto, fazer um esforço para recordar. **Conhecer é recordar.** O objetivo mais importante do diálogo é encontrar o conceito. Ele pergunta, por exemplo, *o que é justiça?* E, aos poucos, eliminando definições imperfeitas, ele vai chegando a um conceito mais puro, mais correto.

1. (ENEM 2015) Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas. (RACHELS, J. Problemas da Filosofia. Lisboa: Gradiva, 2009).

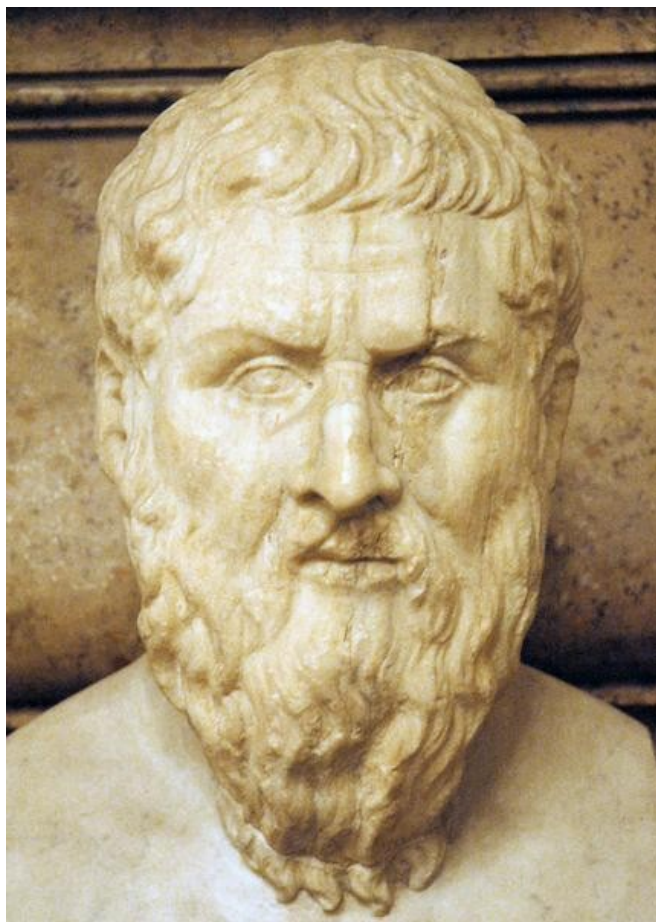
O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo A República, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de

- A) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.
- B) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.
- C) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.
- D) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.
- E) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.

2. (ENEM 2017) Uma conversação de tal natureza transforma o ouvinte; o contato de Sócrates paralisa e embaraça; leva a refletir sobre si mesmo, a imprimir à atenção uma direção incomum: os temperamentais, como Alcibíades, sabem que encontrarão junto dele todo o bem de que são capazes, mas fogem porque receiam essa influência poderosa, que os leva a se censurarem. É sobretudo a esses jovens, muitos quase crianças, que ele tenta imprimir sua orientação. (BRÉHIER, E. História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1977).

O texto evidencia características do modo de vida socrático, que se baseava na

- A) contemplação da tradição mítica
- B) sustentação do método dialético
- C) relativização do saber verdadeiro
- D) valorização da argumentação retórica
- E) investigação dos fundamentos da natureza.



Nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a.C. e morreu em 347 a.c (80 anos)

Influenciou profundamente a Filosofia ocidental. Filho de uma família de aristocratas, começou seus trabalhos filosóficos após estabelecer contato e tornar-se seguidor de Sócrates.

PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

É o mais importante discípulo de Sócrates. Todo o edifício filosófico de Platão reverbera a sua metafísica. Esta é o ponto irradiador do seu pensamento. E o que é a metafísica em Platão? É a afirmação de uma realidade inteligível, suprassensível, ou seja, é a asseveração da existência do Mundo das Ideias.

Todos são capazes de conhecer. Mas qual seria a origem do conhecimento?

Para Platão a busca pelo conhecimento verdadeiro deve ser entendida como a busca pela **essência**. Aquilo que é eterno e imutável.

**1ª
SÉRIE**

CANAL SEDUC-PI1



PROFESSOR (A):

**MAC
DOWELL**



DISCIPLINA:

FILOSOFIA



AULA Nº:



CONTEÚDO:

PLATÃO



TEMA GERADOR:



DATA:

08/06/2020

MUNDO SENSÍVEL E MUNDO INTELIGÍVEL

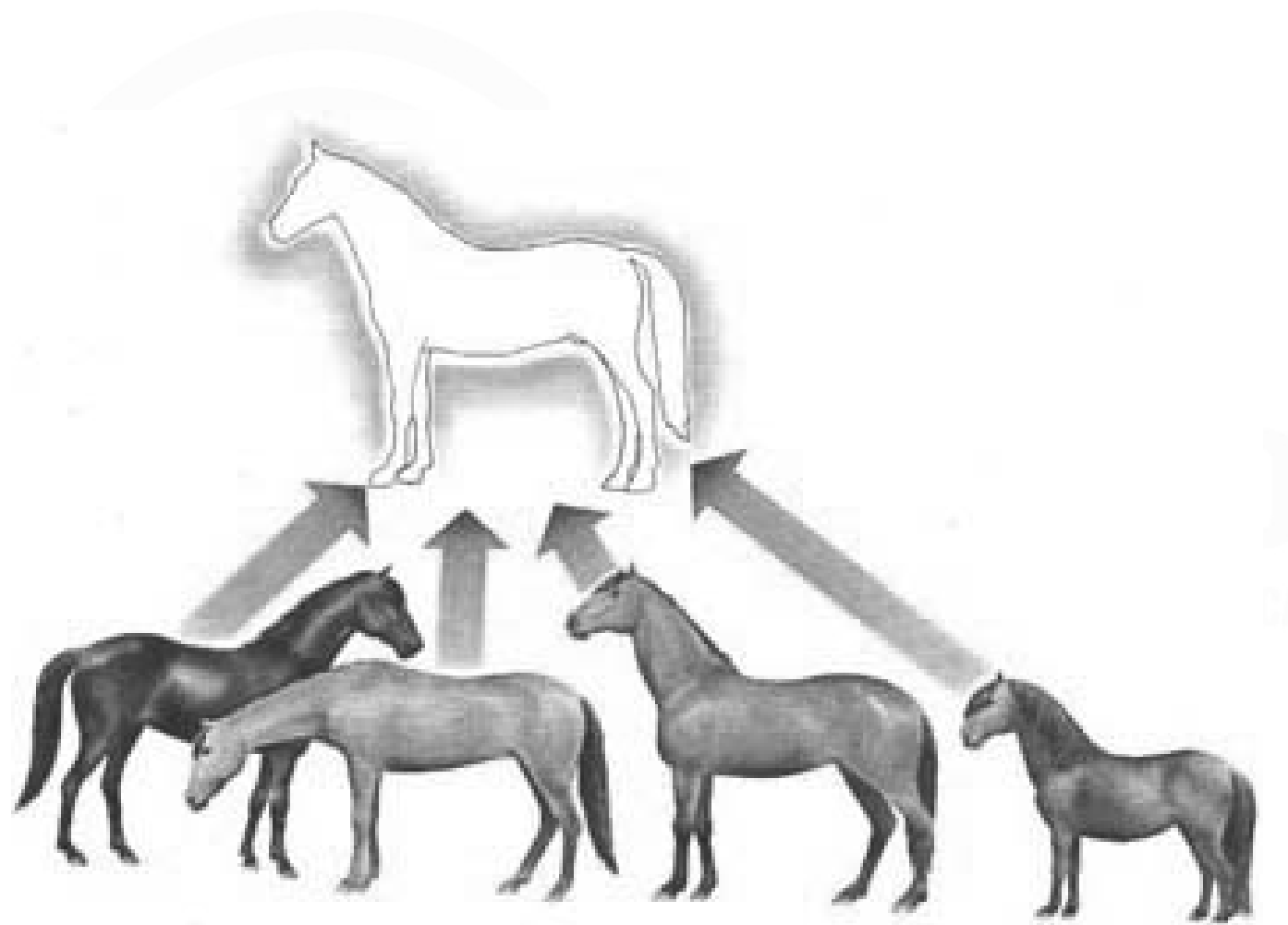
O mundo dos sentidos ou das aparências, dele não podemos ter senão um conhecimento aproximado ou imperfeito, já que para tanto fazemos uso de nossos cinco (aproximados e imperfeitos) sentidos.

Tudo "flui" e, conseqüentemente, nada é perene. Nada é no mundo dos sentidos; nele, as coisas simplesmente surgem e desaparecem. Então não pode ser considerado mundo verdadeiro.

Existe um mundo concreto, percebido pelos sentidos, com todas as suas imperfeições; mas além dele existe outro, o **Mundo das Ideias**, que contém as formas imutáveis e perfeitas. A tarefa do filósofo seria conhecer esse mundo.

Platão defendia a superioridade do mundo das ideias sobre o mundo material, pois, os nossos sentidos nos enganam.

Para exemplificar a visão de Platão, considere um conjunto de cavalos.



Apesar deles não serem exatamente iguais, existe algo que é comum a todos os cavalos; algo que garante que nós jamais teremos problemas para reconhecer um cavalo. Naturalmente, um **exemplar** isolado do cavalo, este sim "flui", "passa". Ele envelhece e fica manco, depois adoece e morre. Mas a verdadeira *forma (EIDOS)* do cavalo é eterna e imutável.

Platão ficou admirado com a semelhança entre todos os fenômenos da natureza e chegou, portanto, à conclusão de que "por cima" ou "por trás" de tudo o que vemos à nossa volta há um número limitado de *formas*. A estas *formas* Platão deu o nome de **idéias**. Por trás de todos os cavalos, porcos e homens existe a "idéia cavalo", a "idéia porco" e a "idéia homem".



O Mito da Caverna narrado por Platão no livro VII de ***A República*** é, talvez, uma das mais poderosas metáforas imaginadas pela filosofia, em qualquer tempo, para descrever a situação geral em que se encontra a humanidade. É uma das mais belas páginas da Literatura, não só filosófica, mas universal. O Mito da Caverna, narrado pela boca de Sócrates, representa a busca pelo verdadeiro conhecimento. Acima, uma representação desse Mito.

3. (PUC) – No livro VII da República, Platão apresenta o célebre mito (ou alegoria) da caverna. Pode-se afirmar que com esse mito ele pretendia:

- a) esclarecer algumas questões sobre a importância da educação dos filósofos, que viriam a ser no futuro, os governantes da cidade justa
- b) mostrar que os cidadãos são geralmente injustos com aqueles que querem ser justos
- c) demonstrar que a democracia não é um bom sistema de governo
- d) provar a imortalidade da alma humana
- e) explicar que o verdadeiro conhecimento consiste nas sombras vistas dentro da caverna.

O que são os Prisoneiros? – Somos nós, pessoas comuns que vivemos cegos dentro de nossas convicções e não nos permitimos ver o conhecimento.

O que é a Caverna? – Nossos corpos e sentidos. Segundo Platão, nossos corpos nos limitam e nossos sentidos nos enganam. Os prisoneiros se guiavam por visões e barulhos, por isso eles permaneciam presos.

O que são as sombras e os barulhos? – Se você já estudou Platão você sabe que ele acreditava em dois mundos: **o das ideias e o físico.**

O das ideias seria onde ficam todas as ideias perfeitas em seu estado puro e o físico seria apenas uma cópia imperfeita e distorcida desse mundo perfeito.

As sombras e ecos são exatamente isso. Cópias distorcidas dos objetos que os produziram.

O que é a saída da caverna? – Nada mais do que a busca do herói pelo conhecimento verdadeiro

E o que é a luz? – Essa deve ser a metáfora mais fácil de interpretar. A luz é o conhecimento. Num primeiro momento ele deixa o protagonista desorientado e perdido, pois toda a realidade até o momento conhecida por ele foi quebrada. Mas depois ele é capaz de trilhar o caminho da verdade.



O Mito da Caverna, basicamente é Platão dando um soco no estômago da humanidade. Dizendo que ela é muito facilmente manipulável e que tem preguiça de pensar a respeito das coisas. E que se você ousar pensar de forma diferente dos demais, eles irão te atacar e execrar, mesmo que o que você diga faça sentido.

4. (UEM – Verão 2008) “Sócrates: Imaginemos que existam pessoas morando numa caverna. Pela entrada dessa caverna entra a luz vinda de uma fogueira situada sobre uma pequena elevação que existe na frente dela. Os seus habitantes estão lá dentro desde a infância, algemados por correntes nas pernas e no pescoço, de modo que não conseguem mover-se nem olhar para trás, e só podem ver o que ocorre à sua frente. (...) Naquela situação, você acha que os habitantes da caverna, a respeito de si mesmos e dos outros, consigam ver outra coisa além das sombras que o fogo projeta na parede ao fundo da caverna?”. (PLATÃO. A República [adaptação de Marcelo Perine]. São Paulo: Editora Scipione, 2002. p. 83).

Em relação ao célebre mito da caverna e às doutrinas que ele representa, assinale V para as questões corretas e F para as Falsas.

- A. () No mito da caverna, Platão pretende descrever os primórdios da existência humana, relatando como eram a vida e a organização social dos homens no princípio de seu processo evolutivo, quando habitavam em cavernas.
- B. () O mito da caverna faz referência ao contraste ser e parecer, isto é, realidade e aparência, que marca o pensamento filosófico desde sua origem e que é assumido por Platão em sua famosa teoria das Ideias.
- C. () O mito da caverna simboliza o processo de emancipação espiritual que o exercício da filosofia é capaz de promover, libertando o indivíduo das sombras da ignorância e dos preconceitos.
- D. () É uma característica essencial da filosofia de Platão a distinção entre mundo inteligível e mundo sensível; o primeiro ocupado pelas Ideias perfeitas, o segundo pelos objetos físicos, que participam daquelas Ideias ou são suas cópias imperfeitas.
- E. () No mito da caverna, o prisioneiro que se liberta e contempla a realidade fora da caverna, devendo voltar à caverna para libertar seus companheiros, representa o filósofo que, na concepção platônica, conhecedor do Bem e da Verdade, é o mais apto a governar a cidade.

5. (UEG 2013) A expressão “Tudo o que é bom, belo e justo anda junto” foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como

- a) cartesianismo, estabelecida por Descartes, no qual se acredita que a essência precede a existência
- b) estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
- c) existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
- d) platonismo, estabelecida por Platão, no qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

DUALISMO PLATÔNICO – O dualismo platônico pode ser afirmado em dois sentidos. Primeiro, diz respeito à bipartição da realidade, vale a dizer, a divisão da realidade em Mundo Sensível, imperfeito e corruptível e Mundo Inteligível, eterno, perfeito e incorruptível. O conhecimento derivado do mundo sensível é a **doxa** (opinião), sendo ilusório e enganoso, privado de qualquer possibilidade de certeza e verdade. Já o verdadeiro conhecimento advém das Ideias em si e pode ser alcançado através da razão por um processo de **anamnese**. O conhecimento consiste em olhar o mundo adequadamente e reconhecer as ideias verdadeiras que se manifestam através das suas cópias presentes no mundo sensível. Por isso, conhecer é recordar a verdade que existe em nós. O segundo sentido desse dualismo é a supremacia da alma sobre o corpo. Para Platão, o corpo é cárcere da alma.

O ser humano carrega essa dualidade: é ao mesmo tempo **corpo** (que se transforma e acaba por morrer) e aquilo que não é corpo e podemos chamar de **alma** (considerada imortal e sede do pensamento). Se a alma é eterna, pertence ao mundo das ideias, portanto, sempre existiu e sempre existirá.

TEORIA DA REMINISCÊNCIA

A lembrança das formas perfeitas com as quais nossa alma estava em contato antes de se juntar ao corpo.

As ideias são **inatas** (já nascemos com elas); os que amam o conhecimento (os filósofos) simplesmente aproximam-se delas, aprimorando o conhecimento que já possuem.

Para Platão, ***conhecer é recordar a verdade que já existe em nós.***

6. Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: “Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior”. Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente. (PLATÃO. Fédon. São Paulo: Abril Cultural, 1972).

Na epistemologia platônica, conhecer um determinado objeto implica:

- a) estabelecer semelhanças entre o que é observado em momentos distintos
- b) comparar o objeto observado com uma descrição detalhada dele
- c) descrever corretamente as características do objeto observado
- d) fazer correspondência entre o objeto observado e seu ser
- e) identificar outro exemplar idêntico ao observado.

7. (UNB 2012 – Adaptação Prof. Mac Dowell) No início do século XX, estudiosos esforçaram-se em mostrar a continuidade, na Grécia Antiga, entre mito e filosofia, opondo-se a teses anteriores, que advogavam a descontinuidade entre ambos. A continuidade entre mito e filosofia, no entanto, não foi entendida univocamente. Alguns estudiosos, como Cornford e Jaeger, consideraram que as perguntas acerca da origem do mundo e das coisas haviam sido respondidas pelos mitos e pela filosofia nascente, dado que os primeiros filósofos haviam suprimido os aspectos antropomórficos e fantásticos dos mitos. Ainda no século XX, Vernant, mesmo aceitando certa continuidade entre mito e filosofia, criticou seus predecessores, ao rejeitar a ideia de que a filosofia apenas afirmava, de outra maneira, o mesmo que o mito. Assim, a discussão sobre a especificidade da filosofia em relação ao mito foi retomada.

Considerando o breve histórico acima, concernente à relação entre o mito e a filosofia nascente, assinale a opção que expressa, de forma mais adequada, essa relação na Grécia Antiga.

- A) O mito é a expressão mais acabada da religiosidade arcaica, e a filosofia corresponde ao advento da razão liberada da religiosidade.
- B) O mito é uma narrativa em que a origem do mundo é apresentada imaginativamente, e a filosofia caracteriza-se como explicação racional que retoma questões presentes no mito.
- C) O mito fundamenta-se no rito, é infantil, pré-lógico e irracional, e a filosofia, também fundamentada no rito, corresponde ao surgimento da razão na Grécia Antiga.
- D) O mito descreve nascimentos sucessivos, incluída a origem do ser, e a filosofia descreve a origem do ser a partir do dilema insuperável entre caos e medida.
- E) O mito narra como e porque as coisas eram no passado remoto, e a filosofia expressa como as coisas são no presente.